

EDITORIAL

É COM BASTANTE ATRASO que lançamos esta edição da *Ícone*, já que estava prevista para sair em maio de 2024; porém, muito além das dificuldades de editar uma revista científica na graduação, nos deparamos, dessa vez, com uma enchente que submergiu a nós e tantos outros. Arrastados por ela, nos vimos obrigados a digerir uma realidade intragável, mas há tempos anunciada: vivenciamos uma mudança radical nas condições de vida na Terra. Pela ação de alguns, e a inércia de muitos, a verdade é que nosso planeta já não é mais o mesmo, e os cataclismos que observamos, cada vez com mais frequência, são a prova disso. Diante disso, após a paralisia primeira que nos acometeu, optamos por retomar nossas atividades pela necessidade de seguir impulsionando a ciência e o conhecimento, principalmente em relação aos constantes ataques sofridos. Porém, informamos que voltamos outros, nem melhores ou piores, nem visivelmente transformados, mas essencialmente mudados, porque, diante das mudanças radicais, é preciso reformular nossa forma ser e perceber.

Em vista disso, temos a felicidade de apresentar, na capa desta nona edição da *Ícone*, a obra *A arte de ser travesti*, da artista paulista Gabrieli (Gabi) Gonçalves Assusção. Foto performance intimamente atrelada às narrativas da artista, enquanto travesti, preta e pobre; a obra desponta também de uma vontade de *reexistência*¹ por parte de Gabi, que, num mesmo elo de criação pessoal e artística, escreve, com batom rosa em seu peito, a frase que dá título à obra.

Também temos a honra de contar com a disponibilidade de trabalhos tão diversos nessa edição, os quais ampliam o viés da revista para além de qualquer formalidade ou linguagem acadêmica. Dessa forma, na primeira seção contamos com uma entrevista inédita com o artista plástico, e docente do Instituto de Artes da UFRGS, Alfredo Nicolaiewsky. Realizada

1

Aglutinação das palavras resistir e existir. Trata de um neologismo usado pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro para se referir a vida dos povos indígenas.

pela graduada em História da Arte Cecília Loureiro, a entrevista se volta para a coleção do artista, revelando detalhes sobre a prática do colecionismo e suas articulações institucionais. Além disso, também compreendemos a inserção e a relevância da coleção de Nicolaiewsky no panorama artístico do Rio Grande do Sul.

Já a segunda seção engloba duas resenhas sobre obras relevantes para orientar o entendimento, respectivamente, sobre a arte brasileira e a historiografia. A primeira, elaborada pela graduada em História da Arte Helena Costa Schulte Ulguim, aborda o livro *A arte brasileira em 25 quadros [1790-1930]* de Rafael Cardoso, que congrega 25 obras produzidas entre o período colonial e o moderno do país. Livro referencial para o campo, pela abordagem menos totalizante e atenta a diferentes atravessamentos, não se mantém, porém, isento de críticas no decorrer da resenha. Já a segunda, de autoria da historiadora Ana Carolina da Luz Nunes, aborda o livro *Fontes Históricas: uma introdução* de José D'Assunção Barros, que reflete sobre os papéis e usos das fontes históricas para as pesquisas de viés historiográfico. Apesar de proceder do campo da História, é uma obra, segundo a autora, que se direciona a diferentes disciplinas e áreas do saber.

Além desses trabalhos, também contamos com uma terceira seção voltada à crítica de arte e onde apresentamos um texto de autoria do médico e graduando em História da Arte Pablo Merlo Medeiros, sobre a exposição *Moquém_Surari: arte indígena contemporânea*, curada em 2021 por Jaider Esbell para o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP). Na crítica, autor analisa os questionamentos que a exposição desperta a respeito de valores coloniais ainda presentes no meio artístico e no pensamento ocidental.

Em nossa quarta seção, voltada apenas a artigos, apresentamos cinco trabalhos com temáticas variadas e que contemplam o campo da História da Arte por diferentes perspectivas. Na sequência, contamos com um artigo do historiador Esaú Brilhante sobre as contribuições, em disciplinas como História e História da Arte, da crítica de Walter Benjamin para o entendimento de cultura como reflexo das disputas de classe

e de conceitos como “história aberta”, que encara o passado como um agente no presente. Nosso terceiro artigo é um trabalho da historiadora Sofia Reginato Ida, que, partindo da tradição de imagens de Anjos Arcabuzeiros, produzidas entre os séculos XVII e XVIII na América Espanhola, revela sobreposições de aspectos culturais e ideológicos dos povos autóctones e da ordem jesuítica. Após, contamos com um artigo da historiadora da arte Tânia Kury Carvalho sobre as obras encomendadas por Alfonso d’Este, duque de Ferrara, para seus aposentos e a relação dos temas mitológicos retratados com a construção de uma autorrepresentação pelo soberano. Já o último artigo, de autoria da bacharelada em Artes Visuais Esther De Oliveira Jaeger, relaciona duas personagens femininas do filme *Todo sobre mi madre*, de Pedro Almodóvar, com as figuras da femme fatale e da ninfa.

Por fim, gostaríamos de agradecer a todos os autores e pareceristas que contribuíram com a presente edição e demonstraram tanta compreensão com as dificuldades da revista. É em retribuição a tamanha sensibilidade que nos esforçamos em entregar este trabalho, o qual desejamos que aproveitem.

Com carinho,

EQUIPE EDITORIAL